



## O CULTO NA CONCEPÇÃO DE MARTINHO LUTERO<sup>1</sup>

### *The church service on Martin Luther's conception*

Christopher Spehr<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo apresenta a concepção de culto de Martinho Lutero, conforme seu desenvolvimento histórico, e em seu pano de fundo histórico e teológico. A abordagem evidencia as etapas que levaram à formulação do culto protestante e demonstra em quais aspectos ela rompe com a tradição católica da missa romana. As diversas camadas ou dimensões da compreensão de culto de Lutero são apresentadas em detalhe. Quanto aos enfoques teológicos, apresenta-se a divisão entre o culto como obra de Deus (culto como

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 8 de agosto de 2011, e após ter passado por um processo de tradução do alemão, foi encaminhado ao Conselho Editorial, tendo sido aprovado em reunião realizada em 18 de junho de 2014, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Christopher Spehr (Dr.), é professor *ordinarius* do Departamento de História Eclesiástica da Faculdade Teológica da Universidade Friedrich Schiller, de Jena, na Alemanha. O presente artigo é o texto de uma palestra proferida na Aula Inaugural do 2º sem. letivo, na Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, em 8 de agosto de 2011. Antes disso, a mesma palestra foi apresentada como aula extraordinária na Faculdade Teológica Evangélica da Universidade Eberhard-Karls em Tübingen, Alemanha, em 9 de novembro de 2011. A palestra foi ainda apresentada diante do convento de superintendentes da Igreja Evangélica na Alemanha Central, no castelo de Bodenstein, em 8 de maio de 2013. A versão na língua alemã encontra-se publicada na revista **Luther Jahrbuch**, vol. 79, 2012, p. 9-37. O texto foi traduzido do alemão pela Profª. Dra. Ingeborg Sell e revisado pelo Prof. Dr. Claus Schwambach.

evento divino da palavra e da dádiva) e o culto como serviço do ser humano (culto como expressão de fé e como expressão da vida cristã). Em seguida, destaca-se a visão de culto em Lutero enquanto evento litúrgico. Ao final, destaca-se a visão de Lutero sobre o culto como um diálogo entre Deus e o ser humano.

**Palavras-chave:** Culto em Lutero. Liturgia em Lutero. Teologia de Lutero. Missa Romana.

### ABSTRACT

*The present article presents Martin Luther's conception of service, according to its historical development and in its historical and theological background. The approach shows the steps that were taken for the formulation of the protestant service and demonstrates in which aspects it ruptures with the catholic tradition of the roman mass. The diverse layers or dimensions of Luther's comprehension of the service are presented in detail. As for the theological emphasis, the division between service as work of God (service as the divine event of word and gift) and service as human work (service as expression of faith and expression of the Christian life), is presented. It's followed by a highlighting Luther's view of the service as a liturgical event. Finally, it is emphasized Luther's view on the service as a dialogue between God and the human being.*

**Keywords:** Service in Luther. Liturgy in Luther. Luther's theology. Roman Mass.

## 1 TRÊS TOMADAS DE MOMENTOS

De início, recordemos três momentos marcantes da vida de Martinho Lutero: o primeiro evento, relatado por ele mais tarde, a título de memórias, remete ao ano 1507<sup>3</sup>. Fazia pouco tempo que o jovem Martinho, o monge eremita da ordem beneditina, havia sido consagrado sacerdote. Agora, no convento negro, ele celebra sua primeira missa. Pela primeira vez, Lutero está diante do altar, sozinho, e traz a Deus o sacrifício da missa. Ao ler o núcleo do texto da missa, o cânon da missa, ele começa a gaguejar e, tremendo, interrompe a leitura e quer fugir do altar. O prior do convento, que o assistia, adverte-o para que continue. Lutero continua a ler a missa.

O segundo momento ocorre em 10 de março de 1522<sup>4</sup>. Lutero, muito

---

<sup>3</sup> Lutero fala desse evento somente anos mais tarde, nas aulas sobre o livro de Gênesis e em seus discursos à mesa. Veja dentre outros **WA** 43,382,1-6 [= **WA** vol. 43, p. 382, linhas 1-6]; **WA TR** 3,411,5-9; **WA TR** 2,133,35-38. Cf. BRECHT, Martin. **Martin Luther**. Vol. 1: Sein Weg zur Reformation 1483-1521. Stuttgart: Calwer Verlag, 1981, p. 78s.

<sup>4</sup> Veja **WA** 10/3,13-20 [= **WA** vol. 10/tomo3, p. 13-20]. Sobre as oito séries de prédicas conhecidas como prédicas de *Invocavit* (**WA** 10 3,1-64) veja BORNKAMM, Heinrich. **Martin Luther in der Mitte seines Lebens**. Das Jahrzehnt zwischen dem Wormser

preocupado, tinha retornado às pressas a Wittenberg, vindo de seu exílio no Castelo de Wartburgo, e subiu ao púlpito na igreja da cidade, como no dia anterior. Comunidade e autoridades estão apreensivas e divididas ante as reformas radicais do culto, que tinham sido executadas sob a liderança de Andreas Karlstadt. Calmamente e em palavras claras, o reformador conclama sua comunidade à prudência e paciência. A fé justificadora seria fundamental, e o amor ao próximo, necessário. Em princípio, a abolição da missa seria louvável; contudo, ela ocorreu às pressas, sem autorização da autoridade civil e sem levar em consideração que há fracos numa comunidade. Por isso, convém mantê-la até que toda a comunidade possa apoiar as mudanças necessárias no culto a Deus. Pois – assim sublinha Lutero: “Quero pregar sobre mudanças no culto, quero falar sobre mudanças no culto. Mas não quero insistir, e obrigar e forçar ninguém, pois a fé requer ser aceita de forma voluntária, sem pressão”<sup>5</sup>.

O terceiro momento remete a 5 de outubro de 1544. Num culto festivo, ocorre a consagração e inauguração da nova capela palaciana na residência do príncipe em Torgau. Lutero tinha sido convidado a pregar, no ato, e subiu ao púlpito. Antes de ler o evangelho previsto para aquele domingo<sup>6</sup> – Lucas 14.1-11, a cura de um hidrópico num sábado – como base para a pregação, Lutero ressaltou:

Meus amados amigos, nós queremos abençoar e consagrar essa casa ao nosso Senhor Jesus Cristo, o que não me convém nem sou digno de fazer sozinho, mas também vocês devem tomar em suas mãos a bacia de aspersão e o incensário, para que nesta casa nada mais ocorra se não que nosso amado Senhor fale conosco através de sua santa Palavra, e que nós falemos com ele em oração e hinos de louvor<sup>7</sup>.

---

und dem Augsburger Reichstag. Obra póstuma edit. por Karin Bornkamm. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 62-80.

<sup>5</sup> Tradução de WA 10/3,18,10-12.

<sup>6</sup> WA 49,588-615. Sobre a prédica de consagração do templo de Torgau veja ZCHOCH, Hellmut. Predigten. In: BEUTEL, Albrecht (Hrsg.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 315-321, cf. o citado na p. 320.

<sup>7</sup> WA 49, 588,12-18. Na ciência litúrgica mais recente, esse desejo de Lutero é referido como fórmula de Torgau, conforme, dentre outros, CORNEHL, Peter. Gottesdienst VIII. Evangelischer Gottesdienst von der Reformation bis zur Gegenwart. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 14. Berlin; New York: De Gruyter, 1985, p. 54-85, cf. o citado na p. 54; cf. MEYER-BLANCK, Michael. **Liturgie und Liturgik**. Der Evangelische Gottesdienst aus Quellentexten erklärt.. (TB 97). Gütersloh: Kaiser, Gütersloher Verl.-Haus, 2001, p. 32. Outra é a Fórmula de Torgau ou o Livro de Torgau de 1576, uma versão preliminar da Fórmula da Concórdia, encontrada em **Die**

Esses três momentos da vida de Lutero têm em comum que ocorrem dentro de um templo e dizem respeito ao culto, girando existencialmente, praticamente e teoricamente em torno desse tema fundamental para o reformador de Wittenberg.

A agenda diária de Lutero era estruturada com tempos para oração e para missas, ao menos, desde que entrou no convento em 1505. Eram orações de hora em hora e a missa diária no convento, a missa pelos mortos às segundas-feiras, missas particulares encomendadas e cultos festivos a Deus, como bênçãos e procissões; tudo isso fazia parte da experiência cultual de Lutero no convento<sup>8</sup>. Depois de sua consagração a sacerdote, o jovem clérigo passou também a servir no altar, considerado o serviço mais elevado no convento. Com a atividade de pregação na igreja na cidade de Wittenberg, a partir de 1514, Lutero conheceu a missa dominical em comunidade, o culto principal, além de outros cultos em comunidade<sup>9</sup>. Assim, a religiosidade do jovem Lutero foi cunhada pelo culto a Deus, com suas mais diversas formas de configuração, e este se tornou fundamental para ele, do ponto de vista teológico. Daí não admira que seu conhecimento teológico sobre a justificação se tornou concreto justamente no culto, ou melhor, na missa, com sua prática de ofertório.

A compreensão de culto do reformador Lutero pode ser verificada com base em textos cernes; em 1520 – um ano decisivo<sup>10</sup> – ele a perfilou, pela primeira vez, do ponto de vista teológico; em 1523, ressaltou-a, primeiramente, do ponto de vista litúrgico. Como todos os conhecimentos da Reforma têm, em Lutero,

---

**Bekenntnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche.** Hrsg. im Gedenkjahr der Augsburgischen Konfession 1930. 11. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p. 739-1100 [Obs.: nas edições científicas, o uso é abreviado: **BSLK**, sendo que há sempre a menção da pág., seguida da menção das linhas da citação – exemplos: **BSLK** 223,2-9 = **BSLK**, p. 223, linhas 2 a 9; **BSLK** 48-50 = **BSLK**, p.48 a 50].

<sup>8</sup> Sobre o serviço do jovem Lutero, no convento e nas orações, veja SCHELL, Otto. **Martin Luther. Vom Katholizismus zur Reformation.** Vol. 2: Im Kloster. 3. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1930, p. 27-48; BRECHT, Martin. **Martin Luther.** Vol. 1: Sein Weg zur Reformation 1483-1521. Stuttgart: Calwer Verlag, 1981, p. 70-77; ODENTHAL, Andreas. ... totum psalterium in usu maneat. Martin Luther und das Stundengebet, in: KORSCH, Dietrich; LEPPIN, Volker (Eds.). **Martin Luther – Biographie und Theologie.** (SMHR 53). Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 69-117.

<sup>9</sup> Lutero iniciou sua atividade de pregação no convento em 1510. Cf. Martin BRECHT, 1981, p. 150-154; EBELING, Gerhard. **Evangelische Evangelienauslegung.** Eine Untersuchung zu Luthers Hermeneutik (FGLP 1). München: Lemp, 1942, p. 14-16.

<sup>10</sup> KAUFMANN, Thomas. **Geschichte der Reformation.** Frankfurt am Main; Leipzig: Verlag der Weltreligionen, 2009, p. 266-268.

fundamentação teológica, parece adequado descrever uma teologia do culto segundo Lutero. Contudo, é preciso tomar cuidado, tal opção é problemática. Por um lado, Lutero não limita o culto às ações litúrgicas e, assim, não se pode falar em teologia do culto. Por outro lado, tal construção não é adequada, tendo em vista a compreensão de teologia que ele tinha. Não seria mais sensato falar da (daquela uma) teologia de Lutero, que se concretiza em diferentes áreas teológicas, como a Palavra de Deus, o Batismo, a Santa Ceia, a Penitência e também o Culto? Ao se analisar a teologia reformatória de Lutero, descobrem-se estruturas recorrentes que podem ser descritas com as palavras-chave interpretação das Escrituras, doutrina que se articula em distinções e ciência empírica<sup>11</sup>. Essas estruturas constituem sempre os princípios fundamentais da argumentação teológica de Lutero, embora possam variar de acordo com o problema ou tema em questão.

Considerando essas objeções, pode-se dizer que, na compreensão de culto de Lutero, é realçada uma parte dos aspectos de sua teologia global. Como o termo culto tem mais camadas para Lutero – como será mostrado adiante – deve ser possível ver conteúdos teológicos centrais na grande variação conceitual, os quais nos levam ao cerne de sua teologia global. Falar em uma teologia do culto em Lutero só é possível – se é que é – a partir dessa perspectiva da teologia global dele<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. BEUTEL, Albrecht. *Theologie als Schriftauslegung*. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 444-449; BEUTEL, Albrecht. *Theologie als Unterscheidungslehre*. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 450-454; BEUTEL, Albrecht. *Theologie als Erfahrungswissenschaft*. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 454-459.

<sup>12</sup> Nas pesquisas sobre a compreensão que Lutero tinha de culto, mais direcionadas a ressaltar o vanguardismo dele em matéria de liturgia, a relação dessa compreensão com a teologia global do reformador, frequentemente, não é abordada. Como exceções, sejam mencionados os seguintes trabalhos: VAJTA, Vilmos. **Theologie des Gottesdienstes bei Martin Luther**. (FKDG 1). 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954; EBELING, Gerhard. *Die Notwendigkeit des christlichen Gottesdienstes*. In: **Zeitschrift für Theologie und Kirche** [ZThK]. Tübingen, v. 67, 1970, p. 232-249; JOSUTTIS Manfred. *Theologie des Gottesdienstes bei Luther*. In: WINTZER, Friedrich (Ed.). **Praktische Theologie**. 5. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verl., 1997, p. 32-43; ARNOLD, Jochen. **Theologie des Gottesdienstes**. Eine Verhältnisbestimmung von Liturgie und Dogmatik. (VLH 39). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. p. 231-317; ALBRECHT, Johannes-F. *Der Gottesdienst bei Martin Luther*. In: GROSSHANS, Hans-Peter; KRÜGER, Malte Dominik (Eds.) **In der Gegenwart Gottes**. Beiträge zur Theologie des Gottesdienstes. Frankfurt am Main: Hansisches Dr.- ; Verl.-Haus, 2009, p. 125-137.

## 2 AS VÁRIAS CAMADAS DO CONCEITO DE CULTO

Antes de detalhar melhor a compreensão de culto de Lutero, sejam colocados alguns aspectos linguísticos para orientação. A palavra *Gottesdienst* (culto) divulgada desde o século XIII como tradução (alemã) do termo latino “*cultus*”, em forma do genitivo “*gods dienst*” do alto alemão antigo, foi muito cunhada por Lutero e pela Reforma. A palavra culto, inicialmente designando a festa ritual na comunidade, tornou-se um termo litúrgico central no protestantismo e desalojou o termo missa. Desde o Concílio Vaticano II, o termo culto, antes restrito às igrejas evangélicas, foi também assumido pela Igreja Católica Romana e goza de aceitação ecumênica depois de perder sua coloração programática confessional<sup>13</sup>.

Para Lutero e seus contemporâneos, o culto nunca está limitado a ações litúrgicas específicas da comunidade, mas é sinônimo de adoração a Deus em geral. O culto constitui termo de objeto teológico, que o reformador obteve, por exemplo, da interpretação dos Dez Mandamentos, sendo que o primeiro deles foi orientativo nisso<sup>14</sup>. Para Lutero, a vida toda do cristão pode ser designada culto a Deus – segundo Romanos 12.1 – razão por que culto se torna essência da fé e da vida cristã. Por isso, o termo culto a Deus (*cultus*) pode ser descrito por religião (*religio*) e religiosidade ou piedade (*pietas*)<sup>15</sup>.

Culto como devoção ou adoração a Deus<sup>16</sup> ou ainda como temor de Deus identifica claramente toda a relação próxima entre Deus e o homem. Essa relação experimenta sua expressão teológica fundamental na fé, sua expressão ética, por exemplo, na doutrina sobre os estamentos; e no evento culto com a comunidade em festa, a relação entre Deus e o homem experimenta sua expressão litúrgica.

Partindo dessa designação geral, Lutero foca o termo específico culto e o usa como sinônimo de missa, missa e comunhão; ele também o interpreta como

<sup>13</sup> Cf. BIERITZ, Karl-Heinrich. **Liturgik**. Berlin; New York: de Gruyter, 2004. p. 5s.; DONDELINGER, Patrick. „Gottesdienst I. Zum Begriff“. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart** [RGG]. Vol. 3. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, col. 1173.

<sup>14</sup> Cf. Karl-Heinrich BIERITZ, 2004. p. 5s.; Patrick DONDELINGER, 2000, col. 1173.

<sup>15</sup> **WA** 17/1,157,26: „Sunst wers am besten gedeutsch gewest, pietas‘gotsdinst“. Cf. FEIL, Ernst. **Religio**. Vol. 1. Die Geschichte eines neuzeitlichen Grundbegriffs vom Frühchristentum bis zur Reformation. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986, p. 239f.

<sup>16</sup> **WA** 19,215,24: „Denn Gotts dienst heyssen sie Gotts furcht“.

assembleia, ofício do servo e do sacerdote, ou a própria Palavra de Deus<sup>17</sup>. Com a variante “ordem culto”<sup>18</sup>, ele descreve a ordem litúrgica do culto. Essa designação está no título de dois dos três textos fundamentais de Lutero sobre o culto: *Sobre ordem e culto na comunidade*<sup>19</sup> (1523), *Formula missae et communionis pro Ecclesia Vuittembergensi*<sup>20</sup> (1523) e *Missa alemã e ordem de culto*<sup>21</sup> (1526). Antes de esboçar as ideias teológicas mestras dessas três obras que, de certa forma, representam o desfecho litúrgico das reflexões teológicas de Lutero sobre o culto a Deus na missa, é preciso desvendar o conceito culto a Deus nas perspectivas fundamental, teológica e ética. Como consequência, será determinada a dimensão relacional a partir de Deus; num segundo passo, esta é orientada para o ser humano; e num terceiro passo de integração dos escritos sobre o culto, a dimensão relacional será concretizada por meio do que ocorre na interação entre Deus e o homem.

### 3 O CULTO COMO OBRA DE DEUS

A compreensão de culto na Idade Média tardia, com que o jovem Lutero cresceu, era de que culto seria um sacrifício. O sacerdote, mediador entre Deus e os homens, tinha a oferta a ser ofertada a Deus no altar, constituída de pão e vinho, transformados em corpo e sangue de Cristo. Assim a missa consistia em um procedimento cultual por parte do sacerdote, com o objetivo de apaziguar Deus, para torná-lo misericordioso e reconciliador<sup>22</sup>. Para realizar esse procedimento de forma efetiva, o sacerdote tinha que estar livre de pecados e não podia gaguejar ou parar ao ler o cânon da missa. Uma falha do sacerdote na liturgia da missa era considerada um pecado grave. Lutero tinha consciência de sua indignidade – lembremo-nos da cena na sua primeira missa – e, por isso, sempre medo de não

---

<sup>17</sup> KALB, Friedrich. Liturgie I. Christliche Liturgie. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 21. Berlin; New York: De Gruyter, 1991, p. 358-377, aqui p. 363.

<sup>18</sup> Veja **WA** 12,11,12; **WA** 18,418,38; **WA** 19,72,5; 74,22 e 76,1.

<sup>19</sup> **WA** 12,35-37.

<sup>20</sup> **WA** 12,205-220.

<sup>21</sup> **WA** 19,70-113.

<sup>22</sup> SIMON, Wolfgang. **Die Messopfertheologie Martin Luthers**. Voraussetzungen, Genese, Gestalt und Rezeption. (SMHR 22). Tübingen: Mohr Siebeck, 2003, p. 131-164.

poder servir adequadamente ao Deus que castiga e precisa ser apaziguado<sup>23</sup>.

### 3.1 O culto como evento divino da Palavra

No contexto do desenvolvimento da compreensão de Deus e dos homens, durante a Reforma, Lutero deu à missa uma interpretação fundamentalmente nova. A Santa Ceia constitui o cerne sacramental da missa, e foi nela que Lutero demonstrou suas descobertas sobre a justificação. Em seu texto *Sermão sobre o Novo Testamento, quer dizer, da santa missa*<sup>24</sup>, publicado em 1520, ele determina a relação a partir de Deus, na medida em que ressalta a promessa (*promissio*) pela Palavra de Deus, sim, o caráter doador divino, que se antecipa a toda atividade humana:

Se o homem deve participar da obra de Deus e receber algo dele, é preciso que não seja ele que põe a primeira pedra, mas o próprio Deus se antecipa e lhe faz uma promessa, sem que tenha havido procura ou anseio por parte do homem. Essa palavra de Deus é o fundamento, a rocha sobre que toda obra, palavra e pensamento humanos podem ser construídos; o homem deve receber essa palavra com gratidão, crer nas promessas divinas e não duvidar que tudo será como ele prometeu<sup>25</sup>.

A Palavra de Deus ganhou significado teológico fundamental, para Lutero, durante as disputas sobre a Santa Ceia e as desavenças com Erasmo, na década de 1520; ela é, ao mesmo tempo, meio e objeto de revelação<sup>26</sup>. Deus se apresenta claramente ao ser humano por meio da sua Palavra; essa Palavra, Lutero caracteriza como Evangelho, em *Sermão sobre o Novo Testamento* e, mais tarde, como Lei e Evangelho<sup>27</sup>. Deus se comunica com o homem através de sua palavra,

---

<sup>23</sup> Cf. Martin BRECHT, 1981, p. 78-82. Sobre o empenho de Lutero em busca da perfeição, cf. HAMM, Berndt. *Naher Zorn und nahe Gnade: Luthers frühe Klosterjahre als Beginn seiner reformatorischen Neuorientierung*. In: HAMM, Berndt. **Der frühe Luther**. *Etapen reformatorischer Neuorientierung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 25-64.

<sup>24</sup> **WA** 6,353-378.

<sup>25</sup> **WA** 6,356,3-10.

<sup>26</sup> Cf. BEUTEL, Albrecht. **In dem Anfang war das Wort**. *Studien zu Luthers Sprachverständnis*. (HUTH 27). Tübingen: Mohr, 1991, p. 87-130.

<sup>27</sup> Em relação à distinção entre lei e evangelho, cf. EBELING, Gerhard. **Luther**. *Einführung in sein Denken*. Mit einem Nachwort von Albrecht Beutel. 5. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006, p. 120-136.



na Bíblia e na pregação. Para Lutero, a Palavra de Deus em forma de Evangelho se transforma, ela própria, em confirmação substancial, em palavra promissora, que se tornou homem em Jesus Cristo e também em palavra de perdão criadora. A graça salvadora prometida, com que Deus presenteia a sua comunidade, em Jesus Cristo, é sua obra no homem. Assim, o culto se torna um acontecimento de oferta, em que o ser humano toma posse, pela fé, dos benefícios de Cristo, o testamento dele<sup>28</sup>. Em consequência, para Lutero, o centro teológico da missa está na Palavra de Deus, quer dizer, nas palavras de instituição da Santa Ceia, que ele interpreta como legado e testamento de Cristo. “Vejam quantas coisas há neste testamento ou missa. Em primeiro lugar, temos o testador que faz o testamento, Cristo; há os herdeiros beneficiários do testamento, nós, os cristãos; e, por último, há o próprio testamento, quais sejam as palavras de Cristo”<sup>29</sup>.

### 3.2 O culto como evento divino da oferta

A compreensão de missa, na Idade Média tardia, mudou bastante. Antes, o sacerdote era o ator, que trazia o sacrifício para apaziguar o Deus irado. Agora, Deus é o ator que, por meio da Palavra e de sacramentos, presenteia o crente com a salvação. Lutero cunhou uma nova imagem de Deus: a do Deus misericordioso, que se fez homem em Jesus Cristo, em contraposição à imagem do Deus irado, que julga e castiga, até então dominante. Essa nova maneira de ver a Deus trouxe mudanças significativas. Os benefícios de Cristo, confirmados no Evangelho da missa “*nit beneficium acceptum, sed datum, es nympt nit wolthat von uns, ßondern bringet uns wolthat*”<sup>30</sup>. O acolhimento em fé da missa se fundamenta na promessa do perdão de todos os pecados, da graça e da vida eterna, a oferta de salvação de Deus: “Também na missa nada damos a Cristo, apenas recebemos dele”<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> VAJTA, 1954, p. 43. A nota 1 do autor interpreta que o contraste entre „beneficium (testamentum, donum)“ e „sacrificium (opus bonum, meritum)“ está sempre presente nos textos de Lutero sobre o culto.

<sup>29</sup> WA 6,359,13-16. Sobre a celebração da Santa Ceia como ação testamentária de Cristo, SCHWARZ, Reinhard. Der hermeneutische Angelpunkt in Luthers Meßreform. In: *Zeitschrift für Theologie und Kirche*. Tübingen, v. 89, 1992, p. 340-364.

<sup>30</sup> WA 6,364,20s.

<sup>31</sup> WA 6,364,23. WENDEBOURG, Dorothea. *Essen zum Gedächtnis*. Der Gedächtnisbefehl in den Abendmahlstheologien der Reformation. (BHTh 148). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 47. Esse texto mostra que, para Lutero, a Santa Ceia é um agir doador de Deus, e o homem só pode receber, tomar, usufruir.

Com base nesse conhecimento cristológico e soteriológico, a missa não pode mais ser entendida como oferta ou obra dos homens ou da igreja<sup>32</sup>. De acordo com sua natureza antropológica, o homem é pecador, razão por que não tem a menor condição de conseguir sua salvação por meio de boas obras e méritos próprios. Com isso, a concepção de justificação por obras, presente na doutrina da salvação e da graça, da Igreja Católica Romana, foi denunciada publicamente, e a ideia de sacrifício eucarístico na Santa Ceia, destruída<sup>33</sup>. No texto de 1520, em que Lutero esboça sua doutrina reformatória sobre os sacramentos – *De captivitate Babylonica ecclesiae praeludium*<sup>34</sup> – aparece bem a profundidade teológica da compreensão de culto com promessa divina.

Com a compreensão de que Deus é o doador, Lutero pode definir a missa como verdadeiro culto a Deus: “Nada mais é necessário para servir a Deus, se não a missa e onde ela é realizada, aí ocorre o verdadeiro culto a Deus; cantar, tocar órgão, tocar sineta, vestimentas especiais, enfeites, tudo é acréscimo inventado por homens”<sup>35</sup>.

#### 4 O CULTO COMO SERVIÇO DO SER HUMANO

Embora Lutero, em seus textos teológicos sobre os sacramentos, da década de 1520, defina o serviço de Deus em favor do homem a partir das palavras

---

<sup>32</sup> No sermão sobre o Novo Testamento, Lutero tenta formular uma compreensão de sacrifício da perspectiva evangélica, que vê o sacrifício na atividade do crente – louvor, oração e oferta – com que este estimula a Deus. Veja WA 6,369,11-18. Com essa tentativa de esclarecimento da questão, Lutero não quer questionar o caráter de recebimento da ceia, cf. WENDEBOURG, Dorothea. *Luthers Reform der Messe – Bruch oder Kontinuität?*. In: MOELLER, Bernd (Ed.). **Die frühe Reformation in Deutschland als Umbruch**. (SVRG 199). Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus, 1998, p. 289-306.

<sup>33</sup> Veja WA 6,365,23-26. Cf. SIMON, Wolfgang. **Die Messopfertheologie Martin Luthers**. Voraussetzungen, Genese, Gestalt und Rezeption. (SMHR 22). Tübingen: Mohr Siebeck, 2003. p. 262-302. Sobre a bem diferenciada doutrina da salvação e da graça na Idade Média veja HAMM, Berndt. **Promissio, Pactum, Ordinatio**. Freiheit und Selbstbindung Gottes in der scholastischen Gnadenlehre. (BHTh 54). Tübingen: Mohr, 1977; LEPPIN, Volker. **Theologie im Mittelalter**. (KGE I,11). Leipzig: Evang. Verl.-Anst., 2007.

<sup>34</sup> WA 6,497-573. A doutrina da eucaristia é criticada por Lutero, seria a terceira amarra da igreja romana.

<sup>35</sup> WA 6,354,24-28.

de instituição da Santa Ceia como dádiva testamentária e, com isso, defina o culto como obra de Deus, em prédicas e textos catequéticos, ele fala em culto como serviço prestado a Deus pelos homens.

#### 4.1 O culto como expressão de fé

No *Sermão sobre as boas obras*<sup>36</sup>, de 1520, Lutero fez a primeira abordagem detalhada sobre o tema. A questão fundamental a ser esclarecida é o que são boas obras. Ele a respondeu com base nas Escrituras, e apontou para os mandamentos de Deus: “Quem quer conhecer e praticar boas obras, esse não precisa saber mais nada, senão os mandamentos de Deus”<sup>37</sup>. Uma boa obra estará em conformidade com a vontade e os mandamentos de Deus e os executa. A partir dos Dez Mandamentos, Lutero extrai as obras que Deus quer, que o honram, e as diferencia claramente das obras dos homens. O mandamento principal e mais elevado, que aglutina e concretiza toda boa obra, ele determina a partir de João 6.28 e seguintes: a fé em Cristo<sup>38</sup>. Somente pela fé, Deus é honrado e pode ser servido, de forma que tudo que pode acontecer, ser dito e pensado em fé é culto a Deus<sup>39</sup>. Assim, para Lutero, o verdadeiro culto, a forma correta de honrar a Deus é crer, ter aquela fé presenteada, que ele define como firme confiança na graça de Deus<sup>40</sup>. Num texto sobre a penitência, de 1521, Lutero realça: “A fé é o verdadeiro culto a Deus”<sup>41</sup>. E numa prédica de 1530, ele formula: “Não há outro culto a Deus senão a fé”<sup>42</sup>.

No *Sermão sobre as boas obras*, Lutero determina a fé – e assim, o verdadeiro culto a Deus – a partir do primeiro mandamento (Êx 20.3); o verdadeiro cumprimento do primeiro mandamento se dá pela fé, a confiança do coração. “Não terás outros deuses diante de mim”:

---

<sup>36</sup> WA 6,202-276.

<sup>37</sup> WA 6,204,15fs.

<sup>38</sup> BSLK 560, 22-24.

<sup>39</sup> BSLK 563, 36s. Sobre o tema veja, dentre outros, WA 10/1, 1, 273, 11-15; 532, 20-533, 6; WA 12, 148, 15s.

<sup>40</sup> WA 6, 206, 16s: „aber trawenn festiglich, das ehr [d.h. der Mensch] got wolgefalle, ist nit muglich dann cynem Christen mit gnaden erleucht und befestiget“.

<sup>41</sup> WA 8, 172, 3.

<sup>42</sup> WA 32, 53, 19s.

Isso não significa ter um Deus que superficialmente mencionas com a boca ou adoras de joelhos e com gestos, mas ter um Deus em que tu confias de coração e que vai adiante de ti com todo o bem, a graça e o agrado, seja nas obras ou no sofrimento, na vida ou na morte, em amor ou sofrimento<sup>43</sup>.

As demais obras – cantar, ler, tocar órgão, rezar a missa, a missa matinal e a vespertina e outras horas de oração –, que os contemporâneos de Lutero associavam com o primeiro mandamento, não trazem benefício algum, se não ocorrerem em fé<sup>44</sup>. O primeiro mandamento – o mais elevado e melhor – cunha a relação com Deus e se torna decisivo para a compreensão do culto a Deus. Pois, sem a fé, vale: “Honrou Deus externamente; internamente fez Deus a si mesmo”<sup>45</sup>. Lutero diferencia entre fé e incredulidade, entre Deus e ídolos.

No Catecismo Maior<sup>46</sup>, de 1529, ele ressalta o primeiro mandamento, e isso tem grandes efeitos, na medida em que sublinha a união indissolúvel entre fé e Deus; e formula: “Eu digo, no que pendurares teu coração, no que confiares, isso é teu Deus”<sup>47</sup>. Se o coração põe toda a sua confiança somente em Deus, Deus estará recebendo a devida honra e o devido culto. Se o coração confia em outras coisas ou dádivas, o homem estará dando falso culto e praticando a idolatria<sup>48</sup>.

A diferenciação entre culto a Deus verdadeiro e falso, a semelhança dos opostos fé e incredulidade, Deus e ídolos é descrita por Lutero no Catecismo Maior, em duas dimensões. Por um lado, ele chama a atenção para a tendência geral e natural de o ser humano prestar culto, ressaltando: “Nunca houve povo, por mais depravado que tenha sido, que não tenha criado e prestado algum culto”<sup>49</sup>. Como todas as formas humanas de prestar culto têm em comum que definem sua relação com Deus, a partir da imagem que os homens têm de Deus, em vez de

---

<sup>43</sup> WA 6, 209, 27-31.

<sup>44</sup> Veja WA 6, 211, 14-22.

<sup>45</sup> WA 6, 211, 28s.

<sup>46</sup> WA 30/1, 125-238; BSLK 543-733. Sobre a interpretação dos Dez Mandamentos, por Lutero, veja PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Bd. 1: Die Zehn Gebote. edit. por SEEBASS, Gottfried. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.

<sup>47</sup> BSLK 560, 22-24.

<sup>48</sup> BSLK 563, 36s. Sobre o tema veja, dentre outros, WA 10/1, 1, 273, 11-15; 532, 20-533, 6; WA 12, 148, 15s.

<sup>49</sup> BSLK 563, 37-40.

se submeter ao Deus cristão, elas violam fundamentalmente a vontade de Deus. Consequentemente, as religiões não cristãs têm – segundo Lutero, os pagãos – formas próprias de honrar a Deus, e isso seria um falso culto, uma prática de idolatria<sup>50</sup>. Por outro lado, Lutero também critica o culto cristão com seus estamentos espirituais e suas obras baseadas em méritos, e chama isso de falso culto e mais alta idolatria, que rouba de Deus o atributo Deus. “O que isso é, senão fazer de Deus um ídolo, sim, um deus diminuído e considerar a si mesmo um deus exaltado?”<sup>51</sup>.

Na *Apostila da Igreja (Kirchenpostille)*, de 1522, Lutero resume, com realces cristológicos, o que é o verdadeiro culto, ou o culto principal, da seguinte forma:

Então, culto a Deus consiste em você reconhecer, honrar e amar a Deus de todo coração, depositar nele toda a sua confiança e esperança, nunca duvidar de sua bondade, nem na vida nem na morte, não pecar contra ele nem rebelar-se, como o primeiro mandamento ensina. A isso chegamos somente pelos méritos e pelo sangue de Cristo, que conquistou e nos dá, quando ouvimos sua palavra e cremos, um coração que a natureza não tem de si mesma. Esse é o culto principal e a melhor parte, que chamamos de fê e amor sinceros a Deus por Cristo; quer dizer, o primeiro mandamento é cumprido por nós por meio do sangue de Cristo, e Deus está sendo bem servido<sup>52</sup>.

## 4.2 O culto como expressão da vida cristã

No *Sermão das boas obras*, Lutero determina o serviço dirigido a Deus, também a partir do segundo e do terceiro mandamento. A obra do segundo mandamento consiste em louvar, bendizer e pregar o nome e a honra de Deus<sup>53</sup>. A obra do terceiro mandamento consiste na santificação do dia santo, que adquire

---

<sup>50</sup> BSLK 564, 1-28. ARNOLD, Jochen. *Theologie des Gottesdienstes*. Eine Verhältnisbestimmung von Liturgie und Dogmatik. (VLH 39). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004, p. 395-403. A meu ver, Lutero não faz tal diferenciação entre culto geral e especial; essa diferenciação ARNOLD realça na tensão entre teologia natural e teologia cristã. Na interpretação do profeta Jonas (especificamente Jonas 1.5), em 1526, Lutero explicita a contradição entre culto natural ou racional e culto cristão. Veja WA 19, 205, 25-209, 14.

<sup>51</sup> BSLK 565, 11-14.

<sup>52</sup> WA 10/1, 1, 675, 6-15.

<sup>53</sup> WA 6, 217, 9-11: Além da fê, não há nada maior a ser feito senão louvar a Deus, honrá-lo e bendizer o seu nome, pregar e cantar para enaltecê-lo e engrandecê-lo.

estrutura na prática do culto a Deus, a pregação e a oração<sup>54</sup>.

Uma vez que, para Lutero, o relacionamento com Deus afeta a existência global do ser humano, o culto a Deus não fica limitado à primeira tábua dos mandamentos, mas inclui a segunda. Numa pregação, no final dos anos 1530, ele ressalta:

É verdade que o culto a Deus mais elevado é pregar a palavra de Deus e ouvi-la, e officiar os sacramentos, como as obras da primeira tábua dos dez mandamentos. Mas também com as obras da outra tábua presta-se culto – honrar pai e mãe, ser paciente, abstinente e ordeiro – pois quem assim vive, serve e honra o mesmo Deus<sup>55</sup>.

Para Lutero, a vida cristã como um todo, se conduzida em fé e amor, transforma-se em culto a Deus. A fé se dirige a Deus, o amor, ao próximo. Por isso, não há, para ele, maior culto a Deus do que o amor cristão, que ajuda e serve ao necessitado<sup>56</sup>. O serviço ao próximo é culto a Deus<sup>57</sup>.

O culto a Deus foi ordenado por Deus, razão por que o verdadeiro culto se manifesta na obediência aos mandamentos divinos. Por isso, também pais e pedagogos tementes a Deus recebem a tarefa de motivar e educar as crianças na fé e para o culto a Deus, por palavras e atitudes<sup>58</sup>. Educadores aplicam os ensinamentos cristãos no dia a dia, e isso também é culto a Deus. Finalmente, em 1530, na pregação para a escola, Lutero dá à escola a tarefa de criar as crianças no verdadeiro culto, de forma que conheçam a Deus e à sua Palavra e se tornem pessoas capazes de governar igrejas, territórios e pessoas, casas, filhos e agregados<sup>59</sup>.

Consequentemente, Lutero desenvolveu uma compreensão de culto em que todo o agir do ser humano, em pensamentos, palavras e ações – quando for fruto da fé – é entendido como culto a Deus. Essa dimensão ética do culto a

---

<sup>54</sup> Veja **WA** 6, 229, 28-30.

<sup>55</sup> **WA** 45, 682, 22-27.

<sup>56</sup> Veja **WA** 6, 59, 7-13; **WA** 12, 13, 26s.

<sup>57</sup> **WA** 10/1, 2, 168, 33-169, 4 (**Adventspostille** 1522): “Saiba que servir a Deus nada mais é do que servir ao próximo e fazer-lhe bem com amor, seja criança, mulher, servo, inimigo, amigo sem fazer diferenciação, a todo que necessita de ajuda no corpo ou na alma e onde pudes ajudar corporal ou espiritualmente, isso é culto a Deus e boa obra.”

<sup>58</sup> Veja **WA** 6, 251, 17-30; 253, 32-35; 256, 1-4.

<sup>59</sup> **WA** 30/2, 520, 33-36. Sobre o tema veja „Eine Predigt, daß man Kinder zur Schulen halten solle“. In: **WA** 30/2, 517-588.

Deus engloba todas as áreas da vida humana e se concretiza no dia a dia da vida, nas diversas profissões ou estamentos. Vale o que Lutero ressalta na *Apostila da Igreja*, de 1522: “Culto a Deus não se limita a duas ou três obras, também não é limitado a poucos estamentos, mas distribuído em todas as obras e estamentos”<sup>60</sup>.

Com a doutrina do sacerdócio real de todos os crentes, a distinção que se fazia, na Idade Média, entre estamento clerical e leigo perdeu seu sentido, e agora todos os crentes são sacerdotes, e todas as pessoas têm a incumbência de prestar o verdadeiro culto a Deus. Lutero sempre deixou muito claro, a seus leitores e ouvintes, que todo cristão foi chamado e destinado ao culto a Deus<sup>61</sup>, por causa do batismo, do evangelho e da fé. Com isso, distanciava-se do clero e demais adeptos do papa. Uma vez que estamento ou profissão foi instituída por Deus, todo cristão deve servir e honrar a Deus em sua profissão e estamento, lá onde foi por ele colocado. Com isso, o mundo é mantido, e a Palavra de Deus, pregada.

Esse servir vale para o matrimônio, para todo tipo de trabalho humano e também para o ofício de exercer autoridade civil. Em seu texto sobre a autoridade civil<sup>62</sup>, do ano 1523, em que ele coloca seu entendimento sobre a autoridade e desenvolve a doutrina sobre os dois reinos e regimentos de Deus, o espiritual e o mundano, ele considera o uso da força pela autoridade civil como forma especial de culto. E é uma tarefa a ser executada primeiramente por cristãos<sup>63</sup>. A tarefa de exercer justiça dos cristãos, enquanto servos de Deus, consiste em castigar o mal e proteger o bem<sup>64</sup>. O regimento mundano colabora na manutenção do mundo, com esse culto a Deus, se ele estiver comprometido com a mitigação dos problemas do

---

<sup>60</sup> WA 10/1, 1, 413, 7-9.

<sup>61</sup> No texto reformatório dirigido aos nobres alemães e tratando da melhora do estamento dos cristãos no verão de 1520 (WA 6, 404-469), Luther desenvolve, pela primeira vez, sua doutrina sobre o sacerdócio geral de todos os crentes. Veja WA 6, 407, 10-408, 35.

<sup>62</sup> WA 11, 245-281.

<sup>63</sup> WA 11, 257, 32-258,3: “Seria até anticristão dizer que há algum culto a Deus que um cristão não pode ou não deveria prestar, uma vez que cultuar Deus é próprio do cristão e de ninguém mais. Bom seria e até é necessário que todos os príncipes sejam bons cristãos, pois a espada e o poder como culto especial a Deus pertence ao cristão antes de a qualquer outro na terra.” para aprofundamento, BEUTEL, Albrecht. *Biblischer Text und theologische Theoriebildung in Luthers Schrift ‚Von weltlicher Oberkeit, wie weit man ihr Gehorsam schuldig sei‘ (1523)*. In: BEUTEL, Albrecht. **Reflektierte Religion**. Beiträge zur Geschichte des Protestantismus. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 21-44.

<sup>64</sup> WA 11, 258, 5-9. Lutero também caracteriza como culto o serviço da autoridade civil, do agente de polícia, do carrasco, do jurista, do advogado e seus ajudantes. Veja WA 11, 260, 30-261, 8.

próximo, em benefício do próximo e não o seu próprio.

Dessa forma, o culto é um acontecimento global, com que o cristão honra e agrada a Deus, internamente, com o coração e, externamente, com suas atitudes. Culto a Deus nada mais é do que servir a Deus, internamente, com o coração e, externamente, com sua natureza, o que consiste em honrá-lo, temê-lo e fazer tudo o que se sabe que o agrada<sup>65</sup>. Ou, de acordo com a conhecida fórmula do catecismo menor, de 1529: culto ocorre quando o ser humano ama, teme e confia em Deus sobre todas as coisas<sup>66</sup>.

## 5 O CULTO COMO EVENTO LITÚRGICO

Depois desta fundamentação teológica e ética, em que o culto foi abordado como obra de Deus ao homem e como serviço do homem diante de Deus, convém agora abordar a aplicação litúrgica, com base no desenvolvimento do culto em Wittenberg, ao lado da consulta aos textos da Reforma. Sem entrar em muitos detalhes dos textos litúrgicos, será mostrada a dimensão teológica da compreensão que Lutero tinha do culto<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> WA 24, 548, 29-34.

<sup>66</sup> BSLK 507, 42s. Veja também WA 10/1, 675, 6-12. Sobre a dialética do tremor e da fé na fórmula do catecismo: DIETZ, Thorsten. **Der Begriff der Furcht bei Luther**. (BHTh 147). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p. 281-288.

<sup>67</sup> Sejam recomendados os seguintes textos sobre ciência litúrgica para aprofundamento e reflexão: BIERITZ, Karl-Heinrich. Daß das Wort im Schwang gehe. Lutherischer Gottesdienst als Überlieferungs- und Zeichenprozeß. In: BIERITZ, Karl-Heinrich. **Zeichen setzen**. Beiträge zu Gottesdienst und Predigt. (PTh 22). Stuttgart; Berlin; Köln: Kohlhammer, 1995, p. 82-106; BIERITZ, Karl-Heinrich. **Liturgik**. Berlin; New York: de Gruyter, 2004, p. 447-474; Michael MEYER-BLANK, 2001, p. 29-64; NIEBERGALL, Alfred. Agende. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 1. Berlin; New York: De Gruyter, 1977, p. 755-784, aqui p. 779-782; NIEBERGALL, Alfred. Agende. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 2. Berlin; New York: De Gruyter, 1978, p. 1-91, aqui: p. 5-10; SCHULZ, Frieder. Der Gottesdienst bei Luther. In: JUNGHANS, Helmar. (Ed.). **Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546**. Festgabe zu seinem 500. Geburtstag. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983, p. 297-302. 811-825; VOLP, Rainer. **Liturgik. Die Kunst, Gott zu feiern**. Vol. 2: Theorien und Gestaltung. Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus, 1994, p. 727-747. Veja também o recente texto de SCHWAMBACH, Claus. As reformas do culto realizadas por M. Lutero. Análise das fontes e abordagem crítica dos posicionamentos da pesquisa litúrgica recente. In: **Vox Scripturae. Revista Teológica Brasileira**. São Bento do Sul, v. 18, n. 2 jul.-dez/2010, p. 138-206.



## 5.1 O culto como objeto de contendas na Reforma

Em 1520, Lutero tinha desenvolvido as coordenadas para sua compreensão reformatória de culto; contudo, as mudanças correspondentes na ordem do culto demoraram a acontecer. No *Sermão sobre o Novo Testamento*, ele defende que as palavras de instituição da Santa Ceia sejam ditas à comunidade pelo sacerdote, de forma que ela entenda, pois a Palavra de Deus deve ser ouvida de forma clara e compreensível na comunidade<sup>68</sup>. E como essas palavras são o testamento de Cristo, nasce o desejo de ter a missa toda na língua alemã<sup>69</sup>. E, em 1519, ele pensa sobre a possibilidade de oferecer o cálice ao leigo durante a Santa Ceia; não só o sacerdote teria acesso ao pão e ao vinho, também a comunidade<sup>70</sup>. Apesar disso, Lutero não coloca suas propostas litúrgicas em prática, ele espera por mudanças da parte dos bispos ou por um concílio.

Com o resultado da Dieta (assembleia do imperador com os príncipes) em Worms, e a possível expulsão de Lutero do império alemão, desfizeram-se essas esperanças. Por isso, o professor de teologia, Lutero, agora exilado ou escondido pelos amigos no castelo de Wartburgo, reflete sobre as mudanças a fazer na missa em Wittenberg, depois de sair do exílio: oferecer pão e vinho às pessoas e missas privadas não seriam mais festejadas sem a presença da comunidade. Em seu texto sobre o mau uso da missa<sup>71</sup>, em que aborda as mudanças no culto em Wittenberg, em 1521, ele critica, a partir do sacerdócio mediador de Cristo entre Deus e o homem, a compreensão do sacerdócio na Igreja de Roma, que se baseia na justiça por obras e autojustiça, e adverte os sacerdotes a pregarem o evangelho

---

<sup>68</sup> Veja WA 6, 362, 13-35. Até o Concílio Vaticano II, o *Canon missae*, em que estão contidas as palavras da transubstanciação e da instituição da Santa Ceia, era falado de forma não audível na Igreja Católica Romana.

<sup>69</sup> WA 6, 362, 28s: “Quis Deus que nós alemães rezássemos a missa em alemão e cantássemos alto as palavras secretas!” Veja também WA 6, 524, 30-35; WA 7, 692-697 (*Sermon von der würdigen Empfahung des heiligen wahren Leichnams Christi, gethan am Gründonnerstag*, 1521).

<sup>70</sup> Veja WA 2, 742, 24-743, 1; WA 6, 79, 22-31. Ao tratar da oferta do cálice também ao leigo, em 1519/20, Lutero requereu um concílio geral como instância eclesiástica: SPEHR, Christopher. *Luther und das Konzil*. Zur Entwicklung eines zentralen Themas in der Reformationszeit. (BHTh 153). Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 184-194.

<sup>71</sup> WA 8, 482-563. Esse texto é uma versão em língua alemã do texto de Lutero escrito em 1521 no castelo de Wartburgo, *De abroganda missa privata* (WA 8,411-476). Veja detalhes em Wolfgang SIMON, 2003, p. 327-385.

ou a deixar de serem sacerdotes. Além disso, Lutero, ressaltando a normatividade das Escrituras Sagradas, destaca o caráter de dádiva que a missa tem e adverte, mais do que nunca, que é preciso rezar a missa de acordo com a instituição dela, seguindo o modelo de Cristo, e fazer sua celebração só aos domingos. E sugere destituir o cânon católico da missa, com seus preceitos baseados em imaginação humana sobre sacrifício, as missas privadas e as para os mortos<sup>72</sup>. Contudo, em consideração aos fracos, sugere que o processo não seja abrupto<sup>73</sup>.

Enquanto Lutero estava escrevendo para esclarecer as coisas, Gabriel Zwilling – eremita da ordem dos agostinianos – e Andreas Bodenstein von Karlstadt – professor de teologia – começam a agir em Wittenberg. Na Santa Ceia, é oferecido o pão e o vinho; no convento dos eremitas agostinianos, as missas privadas são extintas, e a missa tradicional foi mudada. No Natal de 1521, Karlstadt celebrou, na igreja da cidade de Wittenberg, o primeiro culto evangélico, sem vestes sacerdotais, ofertando pão e vinho na Santa Ceia, sem inscrição e confissão prévia dos comungantes<sup>74</sup>; isso teve grandes efeitos sobre a vida de culto na cidade.

Lutero, recém de volta de seu exílio e preocupado com a comunidade, intervém no processo com uma série de pregações, no período da Paixão de 1522, e condena as mudanças por não terem sido autorizadas por autoridade competente e por não considerarem os fracos. Para o reformador, o decisivo não são as formas exteriores de culto, mas o preparo interior da comunidade, quer dizer, a fé e o amor. Com base na liberdade cristã, as ordens litúrgicas não passam de arranjos humanos, que devem ser mudados somente se eclipsam a Palavra de Deus<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> WA 8, 537, 22-30: “Então nós, que queremos ser cristãos, devemos ajudar a eliminar tais missas e devemos nos empenhar para restabelecer a forma e maneira que Cristo instituiu, que somente no domingo seja celebrada uma só missa, como acontece no dia da Páscoa. E para a missa devem vir todos os sedentos e famintos por alimentos, quais sejam todos os piedosos crentes em Cristo, com as consciências feridas e amedrontadas, os quais anseiam, de coração, tornar-se saudáveis e piedosos.”

<sup>73</sup> Veja WA 8, 562, 27-34.

<sup>74</sup> Sobre reconfiguração da missa e o movimento em Wittenberg veja MÜLLER, Nikolaus. **Die Wittenberger Bewegung 1521 und 1522**. Die Vorgänge in und um Wittenberg während Luthers Wartburgaufenthalt. Briefe, Akten u. dgl. und Personalien. 2. ed. Leipzig: Heinsius, 1911; BRECHT, Martin. **Martin Luther**. Vol. 2: Ordnung und Abgrenzung der Reformation 1521-1532. Stuttgart: Calwer Verlag, 1986, p. 34-53; Thomas KAUFMANN, 2009, p. 380-392.

<sup>75</sup> Sobre isso, Lutero trata detalhadamente em **Von beider Gestalt des Sakraments zu nehmen** (WA 10/2,11-41) de abril de 1522. Em destaque, WA 10/2, 36, 28-37, 16.

Lutero anula as mudanças litúrgicas, mas permite oferecer pão e vinho em cultos, que não as missas aos domingos; não autoriza a missa privada sem comungantes e recomenda aos sacerdotes a não pronunciar as palavras do sacrifício eucarístico<sup>76</sup>.

O próprio Lutero tinha o objetivo de gerar uma conscientização ampla no povo eclesial, com as prédicas reformatórias e, aos poucos, liberar as consciências mais fracas das amarras da religiosidade antievangélica. Por isso, concentrou seus empenhos na pregação da Palavra de Deus e realizou o que sempre requereu: o verdadeiro culto se realiza pelo ministério da pregação, instituído por Cristo<sup>77</sup>.

Como consequências do poderoso agir de Lutero, estabeleceram-se dois grupos contra o reformador. De um lado, estão os opositores, seguidores da velha fé, adeptos da doutrina e da prática da missa católica romana; por outro lado, formaram-se forças reformatórias radicais, que ensinam e requerem uma compreensão de culto conforme o cristianismo primitivo. O culto a Deus, cerne da vida na igreja e das práticas religiosas, torna-se objeto de disputas reformatórias. E Lutero percebe ser necessário seguir um caminho intermediário e desenvolver sua teologia e, aos poucos, inseri-la na prática, diferenciando-se de ambos os grupos<sup>78</sup>.

## 5.2 O culto como evento da Palavra

Depois de um ano de ensino intenso na comunidade, Lutero inicia, na primavera de 1523, a fazer propostas concretas para configurar o culto a Deus e as fundamenta bíblica e teologicamente num texto sobre a ordem de culto na comunidade<sup>79</sup>. Distanciando-se da Igreja Católica Romana, ele parte da observação de que tanto o ministério da pregação como o culto a Deus estavam incorretos até então, na igreja<sup>80</sup>, e necessitam ser mudados. Há três maus-usos que entraram no culto a Deus. Primeiramente, a Palavra de Deus foi condenada a emudecer;

---

<sup>76</sup> Cf. SCHWARZ, Reinhard. **Luther**. (KiG 3,I). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986, p. 123s.

<sup>77</sup> Veja **WA** 10/2, 679, 16-18.

<sup>78</sup> **WA** 10/2, 24, 25-27: “Por isso, é imprescindível que permaneçamos no caminho certo e que peçamos a Deus para que nos ajude e mantenha nesse caminho, pois Satanás está seriamente à nossa procura”.

<sup>79</sup> Pouco depois, Lutero publicou uma liturgia do batismo em língua alemã; veja **WA** 12, 42-48 (**Das Taufbüchlein verdeutscht**, 1523). Sobre as primeiras ordens de culto, veja Martin BRECHT, 1986, p. 123-129.

<sup>80</sup> **WA** 12, 35, 6-9.

em vez disso, foram inseridas, na liturgia, fábulas anticristãs e mentiras e, em terceiro lugar, o culto foi celebrado como obra de merecimento<sup>81</sup>. Com isso, ficou obscurecida a razão teológica do ajuntamento da comunidade cristã. Tomando por base o Salmo 102.23 e 1 Coríntios 14.31, ele ressalta que a razão do culto é a Palavra de Deus, a ser pregada e orada no culto<sup>82</sup>. Todas as partes do culto a Deus, segundo as Escrituras, baseiam-se na Palavra e têm como objetivo a pregação dela. Então, onde a Palavra de Deus não for pregada, é melhor não cantar, ler ou se reunir<sup>83</sup>.

A Palavra de Deus, viva e eterna, gera a fé, ensina o caminho ao pecador e dá alento aos que estão em tentação, e deve estar presente no culto de duas maneiras: na leitura das Sagradas Escrituras, a Palavra de Deus é levada aos ouvidos da comunidade e, na interpretação da Palavra, esta se torna compreensível para a comunidade, a fim de que a aprenda e se sinta admoestada por ela. A resposta da comunidade a esse evento da Palavra é o agradecimento e o louvor, além de pedir pelos frutos da Palavra semeada. Com isso, o culto reformatório é um evento da Palavra. “Tudo deve ser feito pela Palavra de Deus que restaura e refrigera as almas”<sup>84</sup>. Ela deve acompanhar a pessoa como o bebê acompanha a grávida.

A partir do princípio de que a pessoa deve andar grávida com a Palavra de Deus, Lutero desenvolveu suas primeiras propostas litúrgicas para os cultos comunitários diários, os quais deviam substituir as orações de hora em hora no convento. As estruturas básicas dos cultos matutinos e vespertinos têm a leitura bíblica do Antigo ou do Novo Testamento e uma prédica sobre o texto lido. Ações de graças, louvor e petição da comunidade devem ser configurados em forma de salmos e responsórios. Os participantes das reuniões diárias podem ser sacerdotes e estudantes, que “vêm ao culto simplesmente por quererem honrar a Deus e ser úteis ao próximo”<sup>85</sup>.

Referências a leituras no culto comunitário, aos domingos, ressaltam que a ação de culto deve concentrar-se na palavra lida e pregada. Mudanças estruturais do culto a Deus podem ocorrer naturalmente com o tempo. Contudo, a Palavra é o

---

<sup>81</sup> WA 12, 35, 10-18.

<sup>82</sup> WA 12, 35, 21.

<sup>83</sup> WA 12, 35, 24s.

<sup>84</sup> WA 12, 36, 24-26.

<sup>85</sup> WA 12, 36, 29-34.

cerne. Tudo pode ser deixado, menos a Palavra de Deus<sup>86</sup>.

### 5.3 O Culto a Deus como evento de liberdade

Ao lado da Palavra de Deus, como princípio básico da Reforma, que faz do culto ser culto a Deus e se expressa nas partes litúrgicas está, para Lutero, o pensamento evangélico central da liberdade. A compreensão da liberdade cristã está fundamentada na justificação do homem por Deus e se concretiza na fé em Deus e no amor ao próximo. Lutero formula isso num texto sobre a liberdade do ser humano cristão<sup>87</sup>, na primavera de 1520. Uma vez que o cristão foi libertado do jugo, da obrigação de cumprir leis e obras instituídas pelos homens, a fé não precisa de mandamentos e ordens adicionais, a Palavra de Deus basta para ele. Assim, o cristão está livre da tutela da igreja papal, com suas leis e obras – a ordem litúrgica incluída – que reconhecidamente foram acrescentadas por homens<sup>88</sup>.

Em todas as manifestações e propostas de Lutero, sobre a reforma do culto, o pensamento sobre a liberdade cristã é uma constante. Por isso, desaprova as reformas radicais do culto, empreendidas por Karlstadt que, para ele, implicam novo legalismo, anulando a liberdade evangélica da Reforma com nova ordem imposta<sup>89</sup>. Numa posição que o diferencia da igreja papal e dos reformadores radicais, o reformador em Wittenberg entende o culto como evento de liberdade, e destaca:

Nós seguimos num caminho intermediário, não tendemos para a direita nem para a esquerda, não para o lado do papa, nem para o lado de Karlstadt, mas somos livres e cristãos para lidarmos com os sacramentos com a liberdade que Deus nos deu, assim como temos liberdade de casar ou permanecer solteiros, comer ou não comer carne, usar casula ou não, usar ou não

---

<sup>86</sup> WA 12, 37, 29s.

<sup>87</sup> WA 7, 20-38.

<sup>88</sup> Sobre a compreensão de Lutero acerca da liberdade cristã, cf. Gerhard EBELING, 2006, p. 239-258; HAMM, Berndt. Martin Luthers Entdeckung der evangelischen Freiheit. In: HAMM, Berndt. **Der frühe Luther**. Etappen reformatorischer Neuorientierung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 164-182; ZSCHOSCH ZSCHOCH Hellmut. Martin Luther und die Kirche der Freiheit. In: ZAGER, Werner (Ed.). **Martin Luther und die Freiheit**. Darmstadt: Wiss. Buchges., 2010, p. 25-39.

<sup>89</sup> Lutero reage de modo mais aprofundado a Karlstadt e aos „entusiastas“ em 1525 em seu escrito **Wider die himmlischen Propheten, von den Bildern und Sakrament** (WA 18,62-214).

hábito e tonsura; aqui estamos em casa e não estamos submissos a leis, mandamentos, doutrinas e proibições<sup>90</sup>.

A configuração de comunidades cunhadas pela Reforma, entre 1523 e 1526, demandou propostas de reforma da parte de Lutero; nisso ele sempre respeitou a liberdade cristã. Por isso destacou, na primavera de 1523, num texto sobre a missa e a comunhão para a igreja em Wittenberg (*Formula missae et communionis pro Ecclesia Vuittembergensi*), que constitui uma nova configuração da missa em latim e a primeira ordem de culto elaborada por Lutero:

Em todas essas coisas deveria ser evitado que transformemos a liberdade numa lei, ou forcemos a pecar aqueles que querem fazer outra coisa ou omitem algo. [...] pois a ordem dos cristãos, quer dizer, dos filhos da livre que devem manter tudo de boa vontade e por convicção, deve poder ser mudado, tantas vezes e como eles querem. Por isso, não é correto que neste assunto alguém estabeleça uma forma como imprescindível como se fosse uma lei, com que amarra e atormenta as consciências. Nem nos velhos pais da igreja, nem na igreja primitiva se encontra uma ordem de culto válida para todos, exceto na igreja de Roma<sup>91</sup>.

Na *Formula missae et communionis pro Ecclesia Vuittembergensi*, Lutero fez propostas concretas para a configuração do culto para sua comunidade em Wittenberg – da introdução até a bênção final – para mostrar às comunidades cristãs como se pode prestar culto e comungar de forma temente a Deus<sup>92</sup>. A liturgia continuou a ser celebrada em latim, só a prédica passou a ser proferida em alemão. Com ênfase, Lutero recomendou cantar hinos espirituais em alemão e, como em 1523 quase não havia hinos espirituais em alemão, ele próprio compôs uma série deles<sup>93</sup>. Os procedimentos litúrgicos, tidos como acréscimos humanos, devem ser

---

<sup>90</sup> WA 18, 112, 33-113, 4.

<sup>91</sup> WA 12, 214, 14-22. A tradução utilizada na versão alemã se orienta em LUTHER, Martin. **Lateinisch-Deutsche Studienausgabe**. Vol. 3: Die Kirche und ihre Ämter. Edit. por WARTENBERG, Günther; BEYER-MICHAEL. Leipzig: Evang. Verl.-Anst, 2009, p. 665,14-25.

<sup>92</sup> Veja WA 12, 206, 8s.

<sup>93</sup> WA 12, 218, 15-32. Sobre Lutero, na condição de autor de hinos eclesiais, e sobre o primeiro hinário em Wittenberg, veja LUTHER, Martin. **Luthers geistliche Lieder und Kirchengesänge**. Vollständige Neuedition in Ergänzung zu Band 35 der Weimarer Ausgabe, bearbeitet von JENNY, Markus. (AWA 4). Köln u.a.: Böhlau, 1985; Martin BRECHT, 1986, p. 132-138. Sobre o significado da música para Lutero, SCHILLING, Johannes. Musik. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr

libertos de todas as formulações e gestos anticristãos, e indicado o correto uso do culto. Vestes litúrgicas e o preparo do ambiente para o culto são coisas menos importantes ou secundárias para Lutero. Como a Palavra de Deus nada prescreve quanto às coisas exteriores, a liberdade de espírito pode agir conforme o lugar, a época e as pessoas<sup>94</sup>.

#### 5.4 O culto como treinamento comunitário da fé

Nos anos 1521 a 1525, a Reforma tomou forma e ganhou dinâmica. Os sinais inconfundíveis da Reforma são a prédica evangélica e, ao lado dela, a missa em língua alemã, mais tarde, também a proibição da missa nos moldes da igreja de Roma. E assumem destaque questionamentos sobre a edificação de comunidades evangélicas e a configuração do culto reformatório. Desde 1521, pregadores adeptos da Reforma experimentam, em diversos lugares, novas formas de culto. A mais antiga das ordens de culto protestante, em língua alemã, preservadas surgiu em Nördlingen, em 1522 (*Evangelisch Meß*); até 1525, também surgiram novas ordens de culto em Nürnberg, Strassburg e Allstedt<sup>95</sup>. A *Formula missae* de Lutero se insere nessa série como mais uma, sem requisitar primazia ou superioridade, como muitas vezes esquecido pela ciência litúrgica. Para Lutero, vale mais o objetivo evangélico comum do que a imposição doutrinária:

De forma alguma queremos impedir alguém de aceitar ou seguir algo de outra forma, isso é livre. Sim pedimos insistentemente, por meio de Cristo que, se alguém tiver uma revelação melhor, esta nos faça silenciar para

---

Siebeck, 2005, p. 236-244.

<sup>94</sup> WA 12, 218, 36-219: „*Quod supra diximus, in his debere libertatem regnare, et neque legibus neque imperiis liceat conscientias captivare Christianas. Unde et nihil de his rebus scripturae definiunt, sed sinunt libertatem spiritus abundare suo sensu, pro commoditate locorum, temporum et personarum.*“ [Pois dissemos acima que deve imperar a liberdade e que não devemos manter presas a liberdade e a consciência dos cristãos, nem com leis e nem com prescrições. Por isso, as Escrituras não prescrevem nada nessas questões, mas deixam a liberdade de espírito dominar, conforme sua convicção, de acordo com a característica dos locais, dos tempos e das pessoas].

<sup>95</sup> Sobre o desenvolvimento histórico do culto evangélico na década de 1520, SMEND, Julius. **Die evangelischen deutschen Messen bis zu Luthers Deutscher Messe**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1896; Friedrich NIEBERGALL, 1978, p. 1-15; PAHL, Irmgard (Ed.). **Coena Domini I**. Die Abendmahlsliturgie der Reformationskirchen im 16./17. Jahrhundert (SFS 29). Freiburg: Univ.-Verl., 1983.

fomentar o intento comum como um serviço à comunidade<sup>96</sup>.

Para Lutero, a ordem do culto não é a coisa decisiva, razão por que ele pode celebrá-lo no convento de uma forma diferente do que na igreja da cidade<sup>97</sup>, como destacou no confronto com os reformadores radicais em 1525. A consequência da liberdade na ordem do culto foi uma pluralidade desordenada e confusa para os membros das comunidades. Então Lutero sugeriu aos pastores e pregadores a estabelecerem ordens de culto regionalmente uniformes, ainda mantendo a pluralidade litúrgica:

As ordens exteriores no culto em forma de missas, canto, leitura, batismo nada contribuem para a salvação, e é anticristão haver desavenças entre nós, concernente a elas, com que confundimos o pobre povo; devemos dar mais valor à melhora das pessoas do que ao nosso entendimento e nuances. Assim vos peço, amados senhores, deixai as nuances e congregai-vos fraternalmente e encontraí um consenso sobre como agir nessas coisas exteriores, para que haja unidade, e o povo simples não seja confundido e desanimado com isso<sup>98</sup>.

Em 29 de outubro de 1525, na véspera do aniversário da publicação das teses, em 1517, Lutero iniciou a fazer o culto do domingo na igreja da cidade de Wittenberg, em língua alemã, ainda chamando-o de missa<sup>99</sup>. Somente no Natal de 1525 – quatro anos depois do culto modificado de Karlstadt – é introduzida oficialmente a missa alemã em Wittenberg<sup>100</sup>. Na mesma ocasião, Lutero elabora o texto sobre a missa alemã e a ordem do culto (*Deutsche Messe und Ordnung Gottesdienst*). Esse texto importante e de largo efeito foi motivado por diversos fatores: o esforço por unidade regional, tema importante na Saxônia, os questionamentos das comunidades e os pedidos de orientação, dificuldades na parte musical do culto em alemão e a postura favorável do príncipe Johan,

---

<sup>96</sup> WA 12, 206, 12-14. Tradução segundo LUTHER, Martin. **Lateinisch-Deutsche Studienausgabe**. Vol. 3: Die Kirche und ihre Ämter. Edit. por WARTENBERG, Günther; BEYER-MICHAEL. Leipzig: Evang. Verl.-Anst, 2009, p. 651, 39-653, 2.

<sup>97</sup> Veja WA 18, 113, 4-8.

<sup>98</sup> WA 18, 418, 38-419, 6 (Texto de Lutero enviado aos cristãos em *Livland*, em 1525).

<sup>99</sup> WA 17/1, 459, 15-33 (Prédica de 29.10.1525). Nela Lutero chama a missa de „*furnemest eusserlich ampt*“ [prioritariamente ministério externo].

<sup>100</sup> Cf. Martin BRECHT, 1986, p. 246-253.



regente na Saxônia desde 1525<sup>101</sup>. Essa ordem contém notas com exemplos e foi destinada ao uso no culto de domingo na comunidade; no início de 1526, a ordem foi publicada e, com ela, o processo de inserção da missa em língua alemã chegou ao fim<sup>102</sup>.

As posições teológicas fundamentais do evento culto são repetidas no prefácio, cuja leitura é de valor inestimável<sup>103</sup>, e as ideias sobre liberdade, agora limitadas pelo amor ao próximo, não por último, por causa das experiências com a guerra dos colonos<sup>104</sup>. Lutero considera necessária uma ordem de culto regionalmente uniforme, para que pessoas fracas na fé não sejam tentadas e para que o povo simples e os jovens sejam ensinados e treinados na Palavra de Deus. A liberdade litúrgica termina onde as consciências dos membros das comunidades são perturbadas<sup>105</sup>.

Com base em sua prática em Wittenberg, Lutero apresentou três formas de culto<sup>106</sup>. A missa latina, do tipo de sua *Formula missae*, ele considera uma

<sup>101</sup> Sobre aspectos subjacentes e a história dos efeitos, WA 19, p. 44-69; Frieder SCHULZ, 1983, p. 299-302.

<sup>102</sup> Em textos escritos mais tarde, Lutero se refere ao tema culto, abordando apenas aspectos dele; esses textos foram escritos por motivos específicos: WA 30/2, 595-626; 691-693 (*Vermahnung zum Sakrament des Leibes und Blutes unseres Herrn*, 1530); WA 38,195-256 (*Von der Winkelmesse und Pfaffenweihe*, 1533); WA 54, 141-167 (*Kurzes Bekenntnis vom heiligen Sakrament*, 1544); WA 50, 192-254; cf. BSLK 407-468 (*Die Schmalkaldischen Artikel*, 1536/38).

<sup>103</sup> O prefácio devia fazer parte das leituras obrigatórias no estudo da teologia! Veja WA 19, 72-78. Uma versão reduzida é oferecida por Michael MEYER-BLANCK, 2001, p. 39-51.

<sup>104</sup> WA 19, 72, 20-23: „Wie wol aber eym iglichen das auff seyn gewissen gestellet ist, wie er solcher freyheyte brauche, auch niemands die selbigen zu weren odder zuverbieten ist, so ist doch darauff zu sehen, das die freyheyte der liebe und des nehisten diener ist und seyn sol.“

<sup>105</sup> WA 19, 73, 10-22: „Denn summa, wyr stellen solche ordnung gar nicht umb der willen, die bereyt Christen sind; denn die bedurffen der dinge keyns, [...] Aber umb der willen mus man solche ordnung haben, die noch Christen sollen werden odder stercker werden. Gleych wie eyn Christen der tauffe, des worts und sacraments nicht darff als eyn Christen, denn er hats schon alles, sondern als eyn sunder. Aller meyst aber geschichts umb der eynefeltigen und des jungen volcks willen, wilchs sol und mus teglich ynn der schrifft und Gottis wort geubt und erzogen werden, das sie der schrifft gewonet, geschickt, leufftig [d.h. bewandert] und kündig drynnen werden, yhren glauben zuvertreten und andere mit der zeyt zu leren und das reych Christi helfen mehren“.

<sup>106</sup> Veja WA 19, 73, 32-75, 30.

forma de culto universal, no que concerne à língua, adequada para estudantes de ginásio e universitários. A missa alemã, como Lutero a apresenta em seus textos, vale para o povo simples e tem caráter catequético, de forma que o culto se torna um treinamento comunitário da fé. Ambas as formas devem ser públicas, e qualquer pessoa deve ter acesso a elas nas igrejas e devem estimular para a fé e o cristianismo<sup>107</sup>. “Uma terceira forma de reunião é para as pessoas que sinceramente querem ser cristãos e que confessam o evangelho com as mãos e a boca”<sup>108</sup>. Essa forma de comunidade eclesial-doméstica, em que tudo se concentra na Palavra, na oração e no amor, segundo as estruturas da igreja primitiva, não passa de uma visão para Lutero. Por não dispor de um número suficiente de pessoas para essa modalidade de culto, ele não iniciou com ela<sup>109</sup>.

Também na ordem da missa alemã (*Deutschen Messe*), Lutero mantém firme sua crítica à compreensão legalista do culto, dizendo no final:

Esta e todas as ordens devem ser bem usadas; havendo mau-uso é melhor trocar a ordem [...]; toda ordem deve servir para fomentar a fé e o amor e nunca para prejudicar a fé. Se assim não for, a ordem estará morta e nada mais vale [...] Por isso, nenhuma ordem tem valor em si mesma, como a papal tem sido valorizada; a vida, a força, a dignidade e a virtude de uma ordem estão no seu uso correto<sup>110</sup>.

## 6 O CULTO COMO DIÁLOGO

A partir da estrutura teológica fundamental da justificação, o relacionamento entre Deus e o homem, expresso no culto, pode ser descrito como um evento dinâmico. No texto *De captivitate*, Lutero diferencia entre o agir de

---

<sup>107</sup> WA 19, 74, 23-75, 2.

<sup>108</sup> WA 19, 75, 5f. Na década de 1520, Lutero formulou, diversas vezes, o pensamento sobre a reunião dos cristãos sinceros: WA 12, 215, 20-216, 30; 485, 5-16; 491, 2-6; WA 10/2, 39, 11-15; WA 18, 113, 5-8.

<sup>109</sup> Veja WA 19, 73, 12f. 75, 15-21. Ao lado do motivo, apontado por Lutero, de que ainda não é chegada a hora para tal forma de culto, pode-se mencionar o temor de um desenvolvimento sectário da Reforma. Sobre a inserção dessa forma no Pietismo e em Philipp Jakob Spener, MATTHIAS, Markus. Collegium pietatis und ecclesiola. Philipp Jakob Speners Reformprogramm zwischen Wirklichkeit und Anspruch. In: *PuN*, v. 19, 1993, p. 46-59.

<sup>110</sup> WA 19, 113, 4-18.

Deus e o agir do homem, e vê neles um movimento “catabático” (de cima) e “anabático” (de baixo) respectivamente:

Não se deve confundir as coisas, achar que são a mesma coisa: missa e oração, sacramento e obra, testamento e sacrifício. Uma coisa vem de Deus a nós pela ação do sacerdote e requer fé, a outra, parte de nossa fé e chega a Deus por ação do sacerdote e requer elevação. Uma desce; a outra sobe<sup>111</sup>.

O agir de Deus (“catabático”) sempre precede o agir do homem (“anabático”). Lutero aplica essa estrutura dinâmica fundamental ao evento culto, quando destaca: “Pela prédica ele (Deus) desce; assim podemos subir pela fé”<sup>112</sup>.

Na descrição do evento culto, Lutero usa, ao lado da metafórica no movimento, a metafórica na linguagem. Pela palavra servida em forma de prédica e sacramento, Deus fala com o homem, e este lhe responde em oração e com hinos de louvor. Assim, “ocorre uma conversação eterna entre Deus e o homem”<sup>113</sup>. Lutero aborda, numa prédica em Torgau, esse evento de conversação da Palavra de Deus com a resposta do homem<sup>114</sup>. A maneira adequada de o homem reagir à Palavra de Deus consiste, segundo Lutero, na oração, bem como no louvor e na ação de graças<sup>115</sup>. Porque oração, louvor e ações de graças constituem a forma biblicamente fundamentada da comunicação do homem com Deus e, por consequência, são verdadeiro culto a Deus, fazem parte do culto em comunidade, assim como a prédica o faz. O ser humano, a quem Deus dirigiu a palavra, responde de forma doxológica à palavra ouvida, de maneira que vale:

Por isso, todos juntos cantam um hino, louvam e agradecem a Deus em Cristo; pois nós nada podemos dar a Deus senão louvor e agradecimento,

---

<sup>111</sup> WA 6, 526, 13-17. Tradução segundo LUTHER, Martin. **Lateinisch-Deutsche Studienausgabe**. Vol. 3: Die Kirche und ihre Ämter. Edit. por WARTENBERG, Günther; BEYER-MICHAEL. Leipzig: Evang. Verl.-Anst, 2009, p. 251, 31-36.

<sup>112</sup> WA 12, 565, 20s.

<sup>113</sup> WA 47, 758, 24s.

<sup>114</sup> WA 49, 588, 2-5; 588, 12-18, veja item 1 acima.

<sup>115</sup> Veja, p. ex., BSLK 581, 15-21. Sobre oração, louvor e ações de graças em Lutero, Albrecht BEUTEL, 1991, p. 466-468; MIKOTTEIT, Matthias. **Theologie und Gebet bei Luther**. Untersuchungen zur Psalmenvorlesung 1532-1535. (TBT 124). Berlin: De Gruyter, 2004; RATZMANN, Wolfgang. Danken, loben und bitten in Luthers Deutscher Messe und in heutigen lutherischen Agenden. In: **Luther Jahrbuch**. München, v. 74, 2007, p. 91-112; Doroteha WENDEBOURG, 1998, p. 297-300.

uma vez que recebemos tudo dele, seja graça, palavra, obra, evangelho, fê e todas as coisas. Esse é o único e verdadeiro culto cristão a Deus: louvar e agradecer, como diz o Salmo 50, verso 15: *Invoca-me no dia da angústia, eu te livrareí, e tu me glorificarás*<sup>116</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, Johannes-F. Der Gottesdienst bei Martin Luther. In: GROSSHANS, Hans-Peter; KRÜGER, Malte Dominik (Eds.) **In der Gegenwart Gottes**. Beiträge zur Theologie des Gottesdienstes. Frankfurt am Main: Hansisches Dr.- ; Verl.-Haus, 2009. p. 125-137.
- ARNOLD, Jochen. **Theologie des Gottesdienstes**. Eine Verhältnisbestimmung von Liturgie und Dogmatik. (VLH 39). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.
- BAYER, Oswald. **Theologie**. (HST 1). Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus, 1994.
- BAYER, Oswald. **Martin Luthers Theologie**. Eine Vergegenwärtigung. 2. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004.
- BEUTEL, Albrecht. **In dem Anfang war das Wort**. Studien zu Luthers Sprachverständnis. (HUTh 27). Tübingen: Mohr, 1991.
- BEUTEL, Albrecht. Theologie als Schriftauslegung. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 444-449.
- BEUTEL, Albrecht. Theologie als Unterscheidungslehre. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 450-454.
- BEUTEL, Albrecht. Theologie als Erfahrungswissenschaft. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 454-459.
- BEUTEL, Albrecht. Biblischer Text und theologische Theoriebildung in Luthers Schrift ‚Von weltlicher Oberkeit, wie weit man ihr Gehorsam schuldig sei‘ (1523). In: BEUTEL, Albrecht. **Reflektierte Religion**. Beiträge zur Geschichte des Protestantismus. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. p. 21-44.
- BIERITZ, Karl-Heinrich. Daß das Wort im Schwang gehe. Lutherischer Gottesdienst als Überlieferungs- und Zeichenprozeß. In: BIERITZ, Karl-Heinrich. **Zeichen setzen**. Beiträge zu Gottesdienst und Predigt. (PThE 22). Stuttgart; Berlin; Köln: Kohlhammer, 1995. p. 82-106.
- BIERITZ, Karl-Heinrich. **Liturgik**. Berlin; New York: de Gruyter, 2004.
- BORNKAMM, Heinrich. **Martin Luther in der Mitte seines Lebens**. Das Jahrzehnt zwischen dem Wormser und dem Augsburger Reichstag. Obra póstuma editada por Karin Bornkamm. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.
- BRECHT, Martin. **Martin Luther**. Vol. 1: Sein Weg zur Reformation 1483-1521. Stuttgart: Calwer Verlag, 1981.
- BRECHT, Martin. **Martin Luther**. Vol. 2: Ordnung und Abgrenzung der Reformation 1521-1532. Stuttgart: Calwer Verlag, 1986.
- BSLK – **Die Bekenntnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche**. Hrsg. im

<sup>116</sup> WA 10/1, 2, 61, 1-7.

- Gedenkjahr der Augsburgischen Konfession 1930. 11. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.
- CORNEHL, Peter. Gottesdienst VIII. Evangelischer Gottesdienst von der Reformation bis zur Gegenwart. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 14. Berlin; New York: De Gruyter, 1985. p. 54-85.
- DIETZ, Thorsten. **Der Begriff der Furcht bei Luther.** (BHTh 147). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- DONDELINGER, Patrick. „Gottesdienst I. Zum Begriff“. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart** [RGG]. Vol. 3. 4. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. col. 1173.
- EBELING, Gerhard. **Evangelische Evangelienauslegung.** Eine Untersuchung zu Luthers Hermeneutik (FGLP 1). München: Lempp, 1942.
- EBELING, Gerhard. Die Notwendigkeit des christlichen Gottesdienstes. In: **Zeitschrift für Theologie und Kirche** [ZThK]. Tübingen, v. 67, 1970. p. 232-249.
- EBELING, Gerhard. **Luther.** Einführung in sein Denken. Mit einem Nachwort von Albrecht Beutel. 5. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006.
- FEIL, Ernst. **Religio.** Vol. 1. Die Geschichte eines neuzeitlichen Grundbegriffs vom Frühchristentum bis zur Reformation. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.
- HAMM, Berndt. **Promissio, Pactum, Ordinatio.** Freiheit und Selbstbindung Gottes in der scholastischen Gnadenlehre. (BHTh 54). Tübingen: Mohr, 1977.
- HAMM, Berndt. Naher Zorn und nahe Gnade: Luthers frühe Klosterjahre als Beginn seiner reformatorischen Neuorientierung. In: HAMM, Berndt. **Der frühe Luther.** Etappen reformatorischer Neuorientierung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010. p. 25-64.
- HAMM, Berndt. Martin Luthers Entdeckung der evangelischen Freiheit. In: HAMM, Berndt. **Der frühe Luther.** Etappen reformatorischer Neuorientierung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010. p. 164-182.
- JOSUTTIS, Manfred. Theologie des Gottesdienstes bei Luther. In: WINTZER, Friedrich (Ed.). **Praktische Theologie.** 5. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verl., 1997. p. 32-43.
- KALB, Friedrich. Liturgie I. Christliche Liturgie. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 21. Berlin; New York: De Gruyter, 1991. p. 358-377.
- KAUFMANN, Thomas. **Geschichte der Reformation.** Frankfurt am Main; Leipzig: Verlag der Weltreligionen, 2009.
- KORSCH, Dietrich. „Glaube und Rechtfertigung“. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch.** Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 372-381.
- LEPPIN, Volker. **Theologie im Mittelalter.** (KGE I,11). Leipzig: Evang. Verl.-Anst., 2007.
- LUTHER, Martin. **Lateinisch-Deutsche Studienausgabe.** Vol. 3: Die Kirche und ihre Ämter. Edit. por WARTENBERG, Günther; BEYER-MICHAEL. Leipzig: Evang. Verl.-Anst, 2009.
- LUTHER, Martin. **Luthers geistliche Lieder und Kirchengesänge.** Vollständige Neuedition in Ergänzung zu Band 35 der Weimarer Ausgabe, bearbeitet von JENNY, Markus. (AWA 4). Köln u.a.: Böhlau, 1985.
- D. Martin Luthers **Werke. Kritische Gesamtausgabe.** Ed. por. J. K. F. Knaake et. al. Weimar: Hermann Böhlau, 1883-1929.
- MATTHIAS, Markus. Collegium pietatis und ecclesiola. Philipp Jakob Speners

- Reformprogramm zwischen Wirklichkeit und Anspruch. In: **PuN**, v. 19, 1993. p. 46-59.
- MEYER-BLANCK, Michael. **Liturgie und Liturgik**. Der Evangelische Gottesdienst aus Quellentexten erklärt.. (TB 97). Gütersloh: Kaiser, Gütersloher Verl.-Haus, 2001.
- MIKOTTEIT, Matthias. **Theologie und Gebet bei Luther**. Untersuchungen zur Psalmenvorlesung 1532-1535. (TBT 124). Berlin: De Gruyter, 2004.
- MÜLLER, Nikolaus. **Die Wittenberger Bewegung 1521 und 1522**. Die Vorgänge in und um Wittenberg während Luthers Wartburgaufenthalt. Briefe, Akten u. dgl. und Personalien. 2. ed. Leipzig: Heinsius, 1911.
- NIEBERGALL, Alfred. Agende. In: **Theologische Realenzyklopedie** [TRE]. Vol. 1. Berlin; New York: De Gruyter, 1977. p. 755-784.
- ODENTHAL, Andreas. ‚... *totum psalterium in usu maneat*‘. Martin Luther und das Stundengebet, in: KORSCH, Dietrich; LEPPIN, Volker (Eds.). **Martin Luther – Biographie und Theologie**. (SMHR 53). Tübingen: Mohr Siebeck, 2010. p. 69-117.
- PAHL, Irmgard (Ed.). **Coena Domini I**. Die Abendmahlsliturgie der Reformationskirchen im 16./17. Jahrhundert (SFS 29). Freiburg: Univ.-Verl., 1983.
- PETERS, Albrecht. **Kommentar zu Luthers Katechismen**. Bd. 1: Die Zehn Gebote. Edit. por SEEBASS, Gottfried. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.
- RATZMANN, Wolfgang. Danken, loben und bitten in Luthers Deutscher Messe und in heutigen lutherischen Agenden. In: **Luther Jahrbuch**. München, v. 74, 2007. p. 91-112.
- SCHELL, Otto. **Martin Luther**. Vom Katholizismus zur Reformation. Vol. 2: Im Kloster. 3. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1930.
- SCHILLING, Johannes. Musik. In: BEUTEL, Albrecht (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 236-244.
- SCHULZ, Frieder. Der Gottesdienst bei Luther. In: JUNGHANS, Helmar. (Ed.). **Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546**. Festgabe zu seinem 500. Geburtstag. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983. p. 297-302. 811-825.
- SCHWAMBACH, Claus. As reformas do culto realizadas por M. Lutero. Análise das fontes e abordagem crítica dos posicionamentos da pesquisa litúrgica recente. In: **Vox Scripturae**. Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, v. 18, n. 2 jul.-dez/2010. p. 138-206.
- SCHWARZ, Reinhard. **Luther**. (KiG 3,I). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.
- SCHWARZ, Reinhard. Der hermeneutische Angelpunkt in Luthers Meßreform. In: Zeitschrift für Theologie und Kirche. Tübingen, v. 89, 1992. p. 340-364.
- SIMON, Wolfgang. **Die Messopfertheologie Martin Luthers**. Voraussetzungen, Genese, Gestalt und Rezeption. (SMHR 22). Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.
- SMEND, Julius. **Die evangelischen deutschen Messen bis zu Luthers Deutscher Messe**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1896.
- SPEHR, Christopher. **Luther und das Konzil**. Zur Entwicklung eines zentralen Themas in der Reformationszeit. (BHTh 153). Tübingen: Mohr Siebeck, 2010.
- VAJTA, Vilmos. **Theologie des Gottesdienstes bei Martin Luther**. (FKDG 1). 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954.
- VOLP, Rainer. **Liturgik. Die Kunst, Gott zu feiern**. Vol. 2: Theorien und Gestaltung. Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus, 1994.
- WENDEBOURG, Dorothea. **Essen zum Gedächtnis**. Der Gedächtnisbefehl in den

- Abendmahlstheologien der Reformation. (BHTh 148). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- WENDEBOURG, Dorothea. Luthers Reform der Messe – Bruch oder Kontinuität?. In: MOELLER, Bernd (Ed.). **Die frühe Reformation in Deutschland als Umbruch.** (SVRG 199). Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus, 1998. p. 289-306.
- ZCHOCH, Hellmut. Predigten. In: BEUTEL, Albrecht (Hrsg.). **Luther Handbuch.** Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 315-321.
- ZCHOCH, Hellmut. Martin Luther und die Kirche der Freiheit. In: ZAGER, Werner (Ed.). **Martin Luther und die Freiheit.** Darmstadt: Wiss. Buchges., 2010. p. 25-39.

